# PROBLEMÁTICA CULTURAL DA EDUCAÇÃO NO BRASIL DE HOJE (*)

ZÉLIA SÁ V. CAMURÇA

Educação como um componente da realidade sociocultural, constituindo um conjunto de maneiras ou modos de os indivíduos, os grupos e as classes ligarem-se dinâmicamente com o todo cultural e no todo social, é problemática a desafiar um Brasil teimoso e ainda em dores de crescimento.

Outro desafio não menos crucial é a abordagem de uma temática de tão complexa dimensionalidade e difícil compreensão quando no quadro brasileiro.

Que o Brasil aceita o desafio, cinco séculos de luta e vigor são um atestado positivo. Que os expositores aceitam o desafio em discorrendo sôbre o assunto, o que se segue atestará, pelo menos, parte dessa luta e dêsse vigor.

Aceite do desafio é o primeiro passo dado na busca de soluções viáveis para o encontro com a verdade e junto a uma primeira expressão de desenvolvimento de idéias e esclarecimento de ações por parte de estudiosos e interessados. Daí por que uma tomada de consciência da complexidade e importância do processo educacional no contexto cultural, além de um reconhecimento de limitações quanto à abordagem dessa mesma problemática, nos permite adotar uma atitude de humildade, a única atitude consentânea a uma investigação singela, porém com bases científicas. A tarefa é ingente:

(*) Parte substancial dêste trabalho foi apresentado oralmente pela autora do Painel sôbre "Cultura Brasileira Contemporânea", aos 28 de setembro de 1966 e por ocasião da "Mid-Tour Conference" dos Voluntários da Paz, em Fortaleza, Ceará, Brasil. O trabalho, face à Reforma Universitária, se constituiu Conferência e Debate no Instituto do Ceará (História, Geografia e Antropologia) aos 4 de setembro de 1968.

entrar na luta com armas desiguais. Um transpor barreiras com cavalo manco ou um desbravar matas com facão cego mas com certeza, um avançar orientado pela dúvida, pela motivação, pelo amor da verdade. Eis por que se *Amoroso Lima* considera "um ato de dedicação" (Lima, 1963:83) a própria palavra cultura, nós aceitamos a discussão de aspectos da mesma como um sacrifício de quem se submete às dores do cilício numa antecipação de gozos intelectuais pósteros.

Se os estudiosos, por séculos, vêm se debatendo no conceituar cultura, o Brasil, de longe, vem tentando afirmar uma cultura brasileira. Tais tentativas são, ambas, ora fracassos, venturas por vêzes.

Os fatos educacionais, em todos os seus aspectos, são realidade cultural porque são participação do ser humano na universalidade da interação social, na "totalidade estrutural do social" (Povina, 19: ). Embora outras ciências e estudos humanísticos contribuam com elementos esclarecedores de certos aspectos do fenômeno total, não o explicam nem o fazem inteligível na sua globalidade. Espera-se, daí, que a educação possa vir a alcançar êste *desideratum*.

Isso nos faz partir do pressuposto de que cultura é educação e educação é cultura: educação não pode existir sem cultura e cultura não existe, e muito menos subsiste sem educação, esta, tomado no sentido de endoculturação. Mais difícil de entender, mas nem por isso sujeito à uma anulação *a priori* é o construto de que educação é cultura de comunidade e desenvolvimento de comunidade é educação.

As dificuldades se avolumam quando anotamos que educação tem sido estudada sob dois pontos de vista: o ser e o dever ser. Cultura, igualmente, vem sendo estudada do ponto de vista do que é e do que deve ser. Se em educação um terceiro ponto de vista vem sendo reconhecido e implantado modernamente, qual seja o do planejamento (Moreira, 1964 a: 2179) e do investimento, em cultura a orientação de valôres é a sua recíproca, traduzida que é, na prática, por ação comunitária e cuja resultante é educação constituída como bem social acessível a todos.

Concebida como a soma total das criações humanas, ou o resultado organizado da experiência de um grupo qualquer, num dado momento ou momentos sucessivos, cultura *existe* porque há comunicação de seus elementos materiais e não-materiais (ou simbólicos), e *perdura* porque há transmissão dêsses elementos. Tanto a comunicação como a transmissão ocorrem em virtude da interação dos indivíduos, indivíduos como unidades funcionais dos grupos, instituições e classes, e gerações.

São nossas indagações aquilo que faz um povo ou uma nação ter o seu padrão cultural ou forma de cultura própria; um estilo cultural, uma individualidade tradicional única; as suas áreas culturais *sui generis;* um sistema cultural; a sua configuração cultural ou a sua *gestalt*: uma totalidade dinâmica, melhor dizer, que lhe determina uma personalidade básica.

É problema fundamental e das nossas atuais cogitações o descobrir em que condições os brasileiros agem em conjunto. Isso implica em análise de processos pelos quais os brasileiros se comunicam uns com os outros, em que condições transmitem a sua estrutura, costumes, idéias e técnicas, numa palavra, a sua cultura.

Qual cultura? perguntamos.

— Aquela que é a "face interior da civilização" (Lima, 1963:35, 86) ocidental. Aquela cultura que é a expressão da atividade criadora do homem brasileiro. Aquela que, na ordem material e não-material, é estado de aceitação, integração e transmissão. Aquela que, em função da história, e dessa transmissão, e mediante um processo de transplantação, dinamização e modificação, faz o país Brasil, o povo, brasileiro, a gente, brasileira. Noutras palavras, aquela cultura que é "expressão do espírito objetivo" e "realização do espírito subjetivo" do homem, mercê dos critérios da sua personalidade modal.

A caracterização de uma cultura brasileira é inseparável da caracterização de uma civilização e de uma cultura continental. Produto que é de três continentes — a Europa, a África e o seu próprio —, a América tem, na sua continentalidade, duas fases: a pré-colombiana e a colombiana. Primeira característica diferenciadora de uma cultura brasileira é a inexistência de uma cultura indígena de tipo superior na fase de atuação dos elementos locais, das populações indígenas. (Lima, 1963:87)

Embora inseparável da história e da caracterização da cultura interamericana, a cultura brasileira se constitui um todo à parte, isso porque ela não pode ser focalizada em tôrno de uma cultura anglo-americana, ou anglo-franco-americana, ou hispano-americana, e sim como uma unidade à parte e formada inicialmente da luso-americana. Em resumo, uma segunda característica é a sua colonização portuguêsa.

Afora essas duas características, a cultura brasileira possui as suas próprias a representarem "um patrimônio comum à nossa unidade cultural". (Lima, 1963:88) Essa unidade, que se constitui característica fundamental da existência da cultura brasileira, é tanto geográfica, como histórica, política, lingüística, econômica, psicológica, religiosa. Vindo de suas origens, assim se mantém até hoje. Por causa de sua natureza precária, êsse caldeamento, essa unidade estrutural torna a cultura brasileira um todo complexo que se traduz, não pela unicidade, mas pelo pluralismo; não pela uniformidade, mas pela variedade ou diversidade. Uma pluralidade que é elemento integral daquela unidade, uma variedade que é função homogeneizadora.

Unidade na diversidade é, pois, a característica fundamental da cultura brasileira. Apesar de ser uma nação imensa apesar dos seus muitos contrastes e suas profundas diferenças o Brasil alcançou uma cultura nacional notàvelmente homogênea, muito embora constituída de comunidades extremamente heterogêneas. Se a sua unidade tanto é cultural como política, a sua diversidade resulta de um sem-

-número de fatôres: clima, topografia, ecologia geral, desenvolvimento econômico, industrialização, origem étnica e outras variáveis interdependentes. (Wagley, 1963: 1-5) Se a sua unidade se traduz pela língua, pela religião, pelos ideais comuns, pelos gostos comuns, pelos problemas comuns, pelo passado comum, existe diversidade quanto às "Tradições", tradição aqui no conceito de *Robert Redfield*, aplicável a culturas folk e clássica. (Redfield, 1960: 40-59)

Senão, vejamos: a "Grande Tradição" Brasileira dos poucos homens de pensamento é, na sua origem, sobretudo portuguêsa e cujos elementos de ligação dos seus membros são as instituições formais de govêrno, educação, religião e economia. (Wagley, 1963: 3-6). A "Pequena Tradição" Brasileira, que justamente se constitui a grande maioria dos vulgares, a "massa" do povo brasileiro, é sobretudo miscigênica e sem participação visível daquelas mesmas instituições formais, governamentais, educacionais, religiosas, econômicas. Sem gozar completa e integralmente das virtudes da "Grande Tradição", vivendo da informalidade e ainda carente de institucionalização, a "Pequena Tradição" é influenciada pela Grande, mas nem por isso deixa de influenciar no modo de viver da Grande, influência esta hoje dotada de maior vigor. Cada vez mais se impondo, a "Pequena Tradição" desperta de seu marasmo cultural, está sacudida por um desejo generalizado de mudança que possa satisfazer aos interêsses nacionais da maioria. Além do mais, essa maioria é jovem e de uma impetuosidade a causar apreensões por vêzes.

A unidade cultural se reflete dinâmicamente nos processos de repercussão de paralelismo e de aculturação a se operarem na verticalidade temporal dos planos culturais — planos que se diferenciam segundo um critério de valor; que se diferenciam dentro do *continuum* histórico-cultural. A repercussão se dá através do reflexo da cultura estrangeira sôbre nós. O paralelismo ocorre pelo desenvolvimento independente de cada plano. A aculturação opera pela fusão e aceitação de culturas diferentes sejam elas a ibérica, a negra, a anglo-saxônica, a oriental. (Lima, 1963:89)

Num corte horizontal, a diversidade cultural e o pluralismo dela resultante se manifestam nas zonas culturais, ou áreas, ou subculturas, como prefiram, e em dependência dos vários esboços tipológicos, tenham sido êles esculpidos por *Roquette Pinto*, ou *Joaquim Ribeiro*, ou *Diegues Júnior* ou *Tristão de Ataíde* ou por qualquer uma das classificações de *Preston James, Charles Wagley* ou *Donald Pierson*, ou até de *Julian Steward*.

Êsse e outros marcos de um roteiro para o estudo da cultura brasileira, e a variada tipologia cultural brasileira existente visam "quando muito mostrar o quadro complexo e variado da cultura brasileira, dentro de um esquema em que unidade e pluralidade são dois valôres fundamentais e irredutíveis". (Lima, 1963:91)

O que nos parece, portanto, mais importante é a adoção de uma interpretação holística da cultura brasileira, embora muito do tra-

balho científico existente se reduza a estudos analíticos ou "atomísticos" e, talvez por isso mesmo, certos autores não admitam a existência de uma cultura brasileira, ou hesitem em admiti-la, senão em estado nascente ou haja quem simplesmente diga que o Brasil "precisa de outra cultura" (Veiga 1949, 1.º vol.: 114) Por outro lado, sabemos que "ethos" e orientação de valôres apenas recentemente tornou-se objeto de séria atenção antropológica. (Bidney, 1962:78)

Sôbre os valôres brasileiros, que dizer qual a orientação total do brasileiro com relação a valôres?

Segundo nossas observações noutra oportunidade, como ingredientes históricos, os componentes obrigatórios da valorização do brasileiro são o apêgo ao passado, a ausência de grandes tragédias nacionais, o patriarcalismo colonial como substitutivo da carência de líderes, a submissão da mulher como sinônimo da feminilidade. A aversão ao trabalho braçal, o conformismo do "Deus sabe o que faz" ou a inércia ou indiferentismo do "Vamos deixar como está para ver como é que fica." A despreocupação dos aspectos éticos da vida. O individualismo, o autodidatismo, a dialética, a imaturidade, a irreligiosidade. Mas também a indiscriminação racial, a hospitalidade e o espírito de humor.

E quais as linhas mestras da cultura brasileira de hoje, os componentes do caráter nacional? — A miscigenação como prova de apêgo ao passado. Um ruralismo natural e decorrência antropogeográfica. Uma democracia singular porque sem hábitos e sem deveres. A tradição católica das elites como vestígio de milenar religiosidade do colonizador. O sincretismo religioso do povo, mescla de animismo e fetichismo do nativo e do negro.

Num sentido direcional positivo, uma virilidade sem se contrapor aos direitos femininos sem que êstes anulem pudor, graça, brejeirice. Uma capacidade de ver claro, aliada a um senso de humor. O caminhar para uma normalidade emocional. A estabilidade que se traduz em traços fortes de originalidade. Uma revolução de idéias que é uma tomada de consciência da realidade nacional. Um desejo coletivo de acertar e um nôvo espírito associativo que engatinham buscando uma continuidade de esfôrço autêntico .

Numa direção negativa e aparecendo com menos freqüência hoje do que ontem, mas mesmo assim com mais freqüência do que gostaríamos não fôsse, a distorção de todos os valôres em função da riqueza rápida e do progredir sem esfôrço. Da mania do sexo, da anedota pornográfica do jôgo-do-bicho e da negociata. Do rebolíço da "panelinha" e da fartura do 'mexerico". A prática da "rasteira", a "cavação", a confecção da "marmelada", o manuseio do "farol", a técnica do "cabide", a filosofia do "golpe", a arte do "jeitinho".

Quais os valôres a que os brasileiros aspiramos? — Otimismo. Humanitarismo. Dignidade do indivíduo. Ética decorrente de confiança em si próprio, de mérito e caráter. A responsabilidade política,

a participação comunitária. A preocupação nacional e a consciência internacional. (Camurça, 1965: 220-221)

Educação não sòmente depende de situações demográficas, históricas e econômicas como tais consideradas, mas, sobretudo, de elementos ideais da cultura de cada povo, suas aspirações e valôres. (Lourenço Filho, 1961: 135) Nessa questão de valôres, os reais e os ideais assumem maior importância que os formais. Aquêles valôres que são os vividos pelo povo de cada país ou de cada região e aquêles que venham a ser suas aspirações são bem mais significativos que os estabelecidos formalmente por constituições ou leis. Daí a validez e profundeza daquela concepção flosófica expressa em *Leges sine moribus vanae*. (As leis sem costumes são vãs.)

Educação, dizíamos, depende sobretudo dos valôres e aspirações de um povo.

Uma educação brasileira, visando a facilitar uma vigência de valôres e a positividade de um sistema de valôres operante deve procurar desenvolver no indivíduo a capacidade de pensamento crítico no decidir entre valôres em conflito e sistema de valôres. Deve ajudar o brasileiro a reavaliar e reconstruir o seu próprio vigor constitucional, a sua capacidade de resistência e perseverança históricas em relação a questões de significado de vida, de propósitos e valôres humanos.

Uma educação que dê ênfase àqueles valôres que possuem uma clara vitalidade social, aos valôres operativos e eficazes na vida social e política. Valôres que impliquem em estímulo, renovação e originalidade. Porque se a continuidade pede repetições de padrões, a vida solicita renovação, originalidade. (Camurça: 1965: 222)

Uma educação para a democracia dentro dos princípios básicos de uma política nacional.

Num país em fase de crescimento, como é o caso do Brasil, é impossível descurar dois aspectos básicos da educação na sociedade hodierna. De um lado, a educação popular e a educação de adultos. Do outro, a alfabetização e a escola primária. Em resumo, educação fundamental como direito humano de todos.

Para que um país ou um govêrno possa assegurar atitudes coletivas favoráveis ao progresso ou desenvolvimento das instituições democráticas, à evolução social e ao aumento de produção econômica, deve oferecer orientação política, social e econômica ao povo. Isso pode ser feito por um processo educacional de atualização político-social e econômico da coletividade, da comunidade tomada como um todo. Ou pela preparação das populações adultas para uma vida mais consciente de responsabilidades e mais capaz de resolver situações que se lhes deparem, sejam elas de caráter individual ou familiar, sejam de natureza nacional ou universal (Moreira, 1964 b: 16-22), sem esquecer de prepará-los para as mudanças. Razão por que,

nos reduzidos programas de desenvolvimento de comunidade existentes, deve ser dada a orientação política do povo como uma das necessidades num programa de educação de valôres.

Esta educação fundamental popular e de adultos é tanto mais premente quando temos a estatística a dizer que provàvelmente menos de 15% da população adulta brasileira está realmente capacitada para as exigências modernas de trabalho e produção, sendo que o contingente ativo existente é imperfeito e ineficiente, recente e insuficiente, sem dúvida. (Moreira, 1964 b: 16) Além do mais, essa educação requer sejam elaboradas assistências especiais visando a fixação dêsses mesmos elementos nos locais de trabalho e produção.

Se é importante a educação de adultos, não o é menos a alfabetização e a escolaridade primária obrigatória e gratuita. Êsse, sem dúvida, é o processo mais diretamente implicado no desenvolvimento econômico e na formação do caráter. Não podemos esquecer que "provàvelmente mais de 70% da atual população adulta do país não conseguiu completar a escola primária e que cêrca de 50% é analfabeta ou quase analfabeta. (Moreira, 1964 b: 16) Segundo um dos últimos levantamentos, a taxa de alfabetização no país é de 61%, idem no Nordeste. O ensino primário é, ainda hoje, vedado a cêrca da metade das novas gerações brasileiras.

A problemática cultural da educação no Brasil de hoje aparece com maior realismo quando passamos a enunciar os grandes problemas da educação nacional:

1) a justa medida da centralização e descentralização administrativa;
2) o preparo de elementos técnicos para a rápida industrialização do país;
3) disseminação do ensino primário em regiões de baixa densidade demográfica;
4) educação e reeducação de adultos;
5) educação escolar menos literária e mais prática;
6) financiamento das escolas em geral;
7) maior compreensão das funções sociais da escola;
8) ensino dos excepcionais;
9) formação de líderes (junto à orientação vocacional);
10) pesquisas educacionais.

O que temos é a constante brasileira de dualismo entre o Brasil que "resiste" e o Brasil que "se adapta". No ensino adulto, o conflito cultural popular *versus* alfabetização. No ensino primário, o conflito alfabetização *versus* educação. No ensino médio, o conflito ensino técnico-profissional *versus* ensino acadêmico. No ensino superior, o conflito entre ensino livre e ensino oficial. Esta situação atual é, em linhas gerais, e mesmo de 1930, quando analisada por *Lourenço Filho.* (Lourenço Filho, 1949: 163)

Passemos à abordagem rápida daqueles que consideramos os três grandes problemas da atualidade no campo educacional: 1) a fixação do homem à terra; 2) a falta de pessoal docente; 3) a liderança numa população jovem.

A fixação do homem à terra ainda é um mito quando se trata de alcançá-la por meios educativos. (Moreira, 1964 b: 25) A própria escola isolada, com professôra não diplomada, e tal como a conhecemos, desmente a validez de uma idéia de fixação pela educação. O desprêzo à educação rural é crime social dos maiores no Brasil de hoje. Se nela pensamos é com desdém. No entanto, devemos pensar na educação do homem do campo e na fixação do professorado na zona rural em têrmos semelhantes à dedicação que se dá à do homem da cidade e à do professor nos grandes centros, isso até que soluções mais originais e programas de assistência especial sejam elaborados visando aquelas fixações.

A falta de pessoal docente em qualidade e em quantidade capaz de atender às necessidades do país é dos maiores problemas educacionais da presente realidade brasileira. Atualmente essas necessidades são de tal ordem que mesmo o Plano Nacional de Educação não atingiu as suas metas. Basta-nos lembrar que 12 anos são necessários à formação de um professor primário e 16 anos à formação de um de nível secundário, e lembrar que no país a proporção é de menos de 2 univesitários para cada 1 000 habitantes (no Ceará esta proporção é de 1,15). Basta-nos saber que metade dos professôres primários que hoje, atualmente, exercem o magistério no país, não são diplomados.

Temos uma população jovem, por demais jovem. Temos um sistema brasileiro de educação muito jovem (60 ou 70 anos). E enquanto preparamos essa nova geração — 82% com menos de 40 anos e 41,8% com menos de 15 anos — a liderança é um problema fundamental de estrutura de poder. (Rodrigues, 1965-37) O futuro do Brasil depende das novas gerações que hoje preparamos mal ou dispendiçamos. Daí a necessidade de um reexame, de uma resposta e de um compromisso por parte de todos os brasileiros diante do gigantismo dos problemas e das tarefas esmagadoras.

Num país como o nosso em que a massa de adultos analfabetos predomina sôbre a de alfabetizados uma das preocupações básicas deve ser educação. Educação como fator essencial de justiças política e social de desenvolvimento econômico de mudança social orientada e de dinamização cultural sem esquecer que ela é antes de tudo fator essencial de auto-realização.

Aproveitamento de talentos, renovação qualitativa nos quadros, rentabilidade das profissões, em conseqüência de uma valorização, sobretudo do professorado, são condições para orientar o país na sua marcha para o progresso, entendendo por progresso "aquilo que mais prezamos e aquilo que menos tememos".

Para isso não devemos esquecer que, citando *Moreira*, "tôda uma aparelhagem de motivação coletiva, de criação de novos estímulos, valôres e símbolos tem que ser criada e posta em ação". (Moreira, 1964 a: 2257) Nesta educação, o planejamento é condição moderna: através da pesquisa e do planejamento, atingir uma política e economia de investimento educacional. Do contrário, será utopia falar em Educação no Brasil.

A tendência atual é tôda ela voltada com denôdo para uma educação nacional, seguindo uma filosofia expressa em parte na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Muito, todavia, esperamos do Conselho Federal de Educação. De conselheiros que são parte da *intelligentsia* nacional, aberta aos problemas do país e empenhada na sua solução, capaz de converter-se em órgão da consciência nacional. Esperamos dêles uma política educacional de extensão e profundidade, ajustada às necessidades nacionais, mas fixada no desejado e no desejável, no âmbito nacional, visando o universal.

A tarefa, nas palavras de um Conselheiro, é a de "criar o que se poderia chamar uma *paidéia* brasileira, capaz de formar o homem brasileiro em função de sua realidade histórica e dentro de uma perspectiva cultural específica". (Sucupira, 1963: 38) Entretanto, acrescentamos nós, esta educação sòmente encontra ressonância na atualidada se dentro do contexto o mais amplo, ou seja, "visando a realização do homem em suas dimensões universais". (Sucupira, 1963: 37)

## BIBLIOGRAFIA


1. BIDNEY, David — The Concept of Valne in Modern Anthropology. pp. 436-453. *In*: TAX, Sol. (ed.) — *Anthropology Today: Selections*. (Phoenix Books) Chicago, The University of Chicago Press, 1962. Pp. vii + 481.
2. CAMURÇA, Zélia — Educação e a Responsabilidade da Comunidade: Em Busca de uma Comunidade Ideal .... pp. 213-223. *In: Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LXXIX. ano LXXIX, vol. 83. Jan. - Dez. 1965. Fortaleza, Editôra Instituto do Ceará, 1967. Pp. 424.
3. DIEGUES, Jr. Manuel — *Etnias e Culturas do Brasil*. (3.ª ed. aum. e rev.) Rio de Janeiro, Editôra Letras e Artes; 1963. Pp. 166.
4. LIMA, Alceu de Amoroso — A Cultura Brasileira e a Universidade. Conferência. pp. 83-96. *In: Documenta*. n.º *21*, vol. II dez. 1963. Rio de Janeiro, M.E.C., Conselho Federal de Educação 1963. Pp. 160.
5. LOURENÇO FILHO, M. B. — Educação. Brasil-República. (De 1889 a 1941) pp. 159-166. *In:* MORAIS, Rubens Borba e BERRIEN, William. (dirs.) *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Gráfica Editôra Souza, 1949. Pp. xi + 895.

6. LOURENÇO FILHO, M. B. — *Introdução ao Estudo da Escola Nova.* (7.ª ed. refundida) São Paulo, Edições Melhoramentos, 1961. Pp. 266.
7 MOREIRA, J. Roberto — Educação. pp. 2178-2271. *In:* KOOGAN, A. (editor resp.) — *Enciclopédia Delta Larousse* (2.ª ed.). vol. IV. Rio de Janeiro, Editôra Delta S. A., 1964.
8. MOREIRA, J. Roberto — Delineamento Geral de um Plano de Educação para a Democracia no Brasil. pp. 3-48. *In: IPÊS. Boletim Mensal.* n.º especial, nov. 1964. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais 1964. Pp. 48.
9. REDFIELD, Robert — *Peasant Society and Culture.* (Phoenix Books) Chicago, The University of Chicago Press, 1960. Pp. 88.
10. RODRIGUES, José Honório — *Aspirações Nacionais. Interpretação Histórico-Política.* (2.ª ed. rev. e atual.) São Paulo, Editôra Fulgor Limitada, 1965. Pp. 179.
11. SUCUPIRA, Newton — Comunicação sôbre Relações entre o Conselho Federal de Educação e os Conselhos Estaduais. pp. 27-40. *In: Documenta. n.º 21.* vol. II, dez. 1963. Rio de Janeiro, MEC, Conselho Federal de Educação, 1963. Pp. 160.
12. WAGLEY, Charles — *An Introduction to Brazil.* New York, Columbia University Press, 1963. Pp. xi + 322.